

# jornal da tarde

Publicação pelo S.A. O Estado de S. Paulo  
Av. Engenheiro Coetane Álvares, 35, tel.: 856-2122 (PABX).



JÚLIO MESQUITA  
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA  
(1927 - 1969)

Director Responsável

RUY MESQUITA

Directores

José Vieira de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Homem de Montes  
Oliveiros S. Ferreira

## A maior vitória que o "Brasil real" já teve

Fala-se no "fracasso" da greve geral de quinta-feira passada; e todo mundo que não está entendendo nada do que se está passando neste país, que não está percebendo as mudanças fundamentais que estão ocorrendo nos circuitos básicos do mecanismo social brasileiro — a começar, naturalmente, por este alienado governo, seguido de perto por certas "lideranças" sindicais igualmente alienadas — exulta e canta "vitórias" que não lhe dizem respeito, ou chora e arregaça os dentes, destraidando imprudentemente a bandeira do patrulhamento ideológico.

Não foi um fracasso. Foi talvez a maior vitória que o Brasil real já teve sobre o Brasil formal — que não é apenas o do governo. E foi também o sinal mais seguro, surgido nestes tempos negros, de que, apesar de tudo, ainda temos bons motivos para acreditar neste país.

Congelada no seu monolitismo ideológico que a mantém fora do tempo presente e a torna infensa a qualquer apelo ou sugestão da realidade, a CUT não entendeu nada do que se passou. Parte da premissa errada e, portanto, nunca poderá chegar à conclusão certa: Vê — e sempre viu — a greve como um fim em si e não como um instrumento para atingir um fim maior. Não quer que nada melhore; vive apenas da sua fixação no apocalipse revolucionário, do qual, em seus delírios, a greve geral seria apenas o prelúdio.

Assim, distancia-se cada vez mais do pensamento das bases trabalhadoras. Não porque tenha desaparecido nelas o ímpeto por mudanças e o espírito revolucionário no bom sentido da expressão. Mas porque a verdade simples é que dentro das correntes políticas e ideológicas hoje predominantes no País, a CUT é conservadora ou, melhor dizendo, é reacionária. Navega muito mais no barco da situação do que na canoa, ainda pequena nos círculos oficialmente organizados e representados, da oposição: é a situação, o governo que, neste país, é estatizante, marcado pelo espírito antiempresarial, burramente nacionalista e isolacionista, autoritário e ideologicamente patrulheiro, como é também a CUT. Ela não quer reverter ou revolucionar nenhuma dessas tendências que marcam o poder estabelecido, o governo atual. Ao contrário, age e convoca greves para reagir ao que considera retrocessos nessas tendências; ao que considera falta de zelo do PMDB em implantar o seu programa. Quer mais do que o PMDB quer e mais depressa, mas na mesma direção. Quer levar às últimas consequências o nacionalismo, o isolacionismo, a ruptura com o mundo ocidental e com o sistema financeiro internacional que o PMDB já está levando a cabo, com excesso de timidez para o gosto da CUT. Não propõe, portanto, nada de revolucionário, nenhuma inversão radical do curso que este país vem seguindo em marcha batida, desde Getúlio Vargas, com forte aceleração no período militar e com velocidade descontrolada sob este desastrado regime peemedebista. A única restrição que a CUT faz é ao fato de não ser ela a "única" a estar no timão. Por isso dizemos — como acabaram de dizer, com sua atitude, também os trabalhadores do Brasil — que o conglomerado CUT/PT é hoje a mais sólida expressão não só do conservadorismo (conservar o mesmo rumo) no Brasil, mas do reacionarismo contra o que ela chama, significativamente, de ameaças de retrocessos no que já está sendo feito.

Os trabalhadores brasileiros, que estão sentindo na pele e no estômago as consequências concretas desta marcha batida rumo ao desastre, no entanto, querem mudanças reais e, neste sentido, são verdadeiramente revolucionários. Já amadureceram o suficiente para estar mais que vacinados contra a falsa retórica "social e revolucionária" com que, há anos, os verdadeiros conservadores e reacionários lhes têm intrujado a mesmice em nome da "revolução".

As raivosas declarações do sr. Jair Meneguelli, carregadas de frustração, de rancor e de ameaças de vingança, comprovam que ele está preocupado exclusivamente com o seu desgaste pessoal e com as possibilidades de "retrocesso" da sua pequena agremiação na sua caminhada em direção ao poder, e não com a situação dos trabalhadores que pretendia levar a mais esta aventura.

Já as desenxabidas declarações do sr. Joaquinção, da CGT, mostram que ele tem plena consciência de que tentou uma cartada que tinha por objetivo exclusivo alterar o equilíbrio de poder dentro da sua central sindical que, há algum tempo, vem pendendo para o lado de lideranças mais modernas, e perdeu. O real interesse da classe trabalhadora, quase que admitidamente, pesou muito pouco na sua decisão de alinhar-se com a CUT.

Para completar a análise do lado dos perdedores, nesta greve, resta a reação do governo: uma alegria mal disfarçada e a predisposição alienada de sempre de interpretar os acontecimentos de quinta-feira como um voto de confiança na sua ação. O tempo lhe mostrará a verdade e o empurrará, inexoravelmente, para o lugar que sempre mereceu...

Resta pensar no lado dos vitoriosos, para entendermos realmente por que esta greve não aconteceu e por que isso foi uma vitória do Brasil. Dizíamos no início deste comentário que o Brasil formal não é apenas o do governo. O Brasil formal é o Brasil de todos os grupos e partidos formalmente representados; é o Brasil de todos os que foram contaminados pelo vírus do poder. Para estes, existe apenas um alvo, e tudo o mais não passa do chão que pretendem pisar para atingi-lo, inclusive, e principalmente, as parcelas da sociedade que eles supostamente representam. É neste aspecto que a CUT é igual ao PMDB. Ela usa os trabalhadores assim como o PMDB usa os dinheiros e os cargos públicos: com o único e exclusivo propósito de manter o poder que já adquiriu e de acumular mais poder. Por isso ambos perderam o contato com suas bases, com o Brasil real.

Mas o Brasil real tem de — e vai — sobreviver a eles. E é desta necessidade que decorrem as importantes mudanças que estão ocorrendo nos circuitos fundamentais do organismo social brasileiro. A CUT simplesmente fez a convocação errada para a sua greve. Os trabalhadores brasileiros, que vivem o amargo dia-a-dia em simbiose com os seus empregadores, sabem que o inimigo, hoje, é o governo. Uma grande parcela dos empregadores, a partir do saudável choque que, anos atrás, recebeu desta mesma CUT antes que ela degenerasse mordida pelo vírus do poder, aprendeu que a sua sobrevivência depende exclusivamente do crescimento contínuo do nível de vida dos seus empregados — os consumidores potenciais daquilo que produzem — assim como estes também sabem que a sua possibilidade de melhorar continuamente de nível de vida depende exclusivamente da saúde do ambiente empresarial brasileiro. E para que isso seja possível, os dois lados sabem que precisam vencer este Estado-monstro, que explora a Nação e esgota as suas capacidades, dilapidando o que eles constroem juntos. Começa a impor-se no Brasil, com toda a irresistível força do bom senso, a verdade que já se impôs em quase todo este planeta, e que explica o surto de desenvolvimento sem precedentes que está ocorrendo hoje: não há saída fora da cooperação entre todos; não há possibilidade de enriquecimento e de progresso para ninguém, individualmente, se não se buscar o enriquecimento e o progresso para todos. O resto são mentiras que a História já desmentiu.

Sob o impulso vigoroso de uma nova geração de empresários não comprometidos pelo processo de setorialização que comprometeria antigas lideranças do setor, as novas lideranças antigas de São Paulo vão-se colocando à altura das lideranças sindicais que chegaram a esta conclusão antes delas, e dialogam com os trabalhadores, sem interferência e até à revelia do governo. E vão encontrando um saudável modus vivendi, a

partir da compreensão da sua estrita dependência mútua. Por isso acreditamos que se houver uma greve geral neste país, ela será feita em conjunto por empresários e trabalhadores, contra o Estado gastador. Aos que querem acreditar no Brasil só resta dar tempo ao tempo para que este processo — que vem das raízes — se complete, e torcer para que ele se complete antes que os representantes do Brasil formal, que ainda está no poder, avancem demais na sua sanha destrutiva e comprometam a nossa democracia que é o canal pelo qual ele flui e que, se mantido, nos levará, apesar de tudo, para o nosso destino natural.

## Está na hora de Bresser "botar a boca no trombone"

Ao término de mais uma "histórica" viagem do presidente José Sarney ao Exterior, a retórica fácil e açucarada dos discursos cede rapidamente espaço às amargas realidades do País, agravadas ao extremo pela irresponsabilidade do governo, que continua acreditando na falsa tese de que o pior já passou e nos efeitos milagrosos do Plano Bresser. Disseram ao sofrido povo brasileiro que a inflação está sob controle, que o déficit operacional do setor público será contido em 3,5% do PIB e que o problema financeiro dos estados e municípios está equacionado, só faltando um bom acordo com os credores externos para repor a economia no rumo do crescimento em condições saudáveis.

E, no entanto, até mesmo o ministro Bresser Pereira começa a admitir publicamente que suas boas intenções estão sendo engolidas pelos vícios precoces desta "Nova" República dos marajás da cornucópia estatal e dos párias das Rocinhas.

Começa a admitir a grande verdade que o discurso oficial tenta escamotear, ou seja, que o plano batizado com seu nome vai fazendo água por todas as frestas, que são muitas, como fica demonstrado com o salto da inflação neste mês de agosto, que, segundo as estimativas preliminares encaminhadas ao governo pela Fundação IBGE, ficará entre 6 e 7%, em vez dos 4,5% esperados... E isso enquanto os preços permanecem congelados, isto é, na fase em que os agentes econômicos não têm liberdade para estabelecer os preços que julgam justos para os diferentes bens e serviços.

O ministro começa a admitir o que toda a sociedade brasileira está cansada de saber, ou seja, que se o seu plano faz água por todas as frestas isso se deve ao comportamento dos seus próprios companheiros de governo e dos seus correligionários desse maldadado PMDB que, depois de ter apresentado o País com o desastre do Cruzado I, se recusa a aceitar a idéia de que tem a obrigação moral de fazer alguma coisa, com a maior urgência, para reduzir as trágicas consequências do desastre, ou seja, de dar força ao governo para que contenha a catastrófica sangria dos cofres do Tesouro que ameaça provocar nova explosão inflacionária em plena "vigência" da recessão!

Mas o ministro Bresser Pereira começa a admitir tudo isso timidamente, em "recinto fechado", com ares de vítima, em vez de enfrentar corajosamente em campo aberto a irresponsabilidade de seus colegas de ministério e de seus correligionários do PMDB esquecendo-se de que a sua passagem pelo Ministério da Fazenda é a última instância, na qual os desafios são sérios demais para serem enfrentados com palavras em vez de atos. Atos concretos para impedir, reduzir e controlar rigidamente os dispêndios do governo.

Se tiver de escolher entre a fidelidade a um partido totalmente desmoralizado perante um eleitorado que até hoje não se conformou com o erro que cometeu ao entregá-lo tanto poder, e a sua própria reputação como homem sério, político responsável e, sobretudo, como técnico competente, o sr. Bresser Pereira não tem o direito de hesitar. No momento em que sentir que não tem condições políticas para fazer o que a sua consciência lhe dita deve ter a coragem de renunciar ao cargo, botando a boca no trombone. Mesmo porque assim estará causando um mal menor à Nação do que se permanecer, submetido aos pequeninos interesses de uma malta de irresponsáveis.

Infelizmente, até aqui o ministro da Fazenda vinha cedendo às pressões dos governadores que "fecharam" com os cinco anos de mandato para o presidente Sarney e também às resistências dos escalões burocráticos acostumados com o dinheiro fácil que jorra do Banco Central e mantém a economia nesta inflação permanente.

Mas até aqui ele ainda podia alimentar a ilusão de que a inflação estava satisfatoriamente contida. Com os resultados de agosto, porém, alimentar qualquer ilusão seria criminoso, porque seria fatal. Se houver coragem suficiente para agir em função desses resultados, talvez no futuro se possa dizer que eles representaram um alerta salutar. Mas, se mesmo depois da confirmação desses resultados continuar perdendo a batalha do déficit por não contar com suficiente apoio do seu partido para fazer o que sabe que é indispensável, cabe ao ministro Bresser Pereira denunciar esse fato à Nação, expondo à execração pública aqueles que dentro do governo e do partido sabotam todos os esforços de saneamento das finanças públicas. Inclusive, se for o caso, o próprio presidente da República que tem como prioridade número um cinco anos de mandato, e como prioridade número dois o seu trenzinho elétrico...

O relógio corre contra o Plano Bresser, que vai perdendo a confiança dos agentes econômicos, ao mesmo tempo em que a economia vai mergulhando mais e mais na recessão, conforme nos mostram os indicadores sobre a produção industrial, emprego e vendas do comércio. É certo que o País não poderá sair deste atoleiro econômico sem um mínimo de ordem nas contas do governo, porém nada sugere que as coisas estejam caminhando nessa direção. Basta saber, por exemplo, que este ano o Tesouro gastará Cz\$ 708,7 bilhões em transferências de capital às empresas estatais, subsídios e operações de "saneamento" financeiro dos Estados e bancos estaduais, comprometendo mais de 70% da receita global do orçamento.

Não há inflação que caia ou economia que se recupere com um descontrolado desse tamanho, que só serve para aumentar as expectativas de inflação (o verdadeiro déficit público poderá passar dos 6% do PIB) e minar as esperanças de melhora da situação. O próprio governo tem consciência disso e até já pensa em atacar o problema pelo lado da receita, com aquilo que já está sendo chamado no Ministério da Fazenda de choque fiscal, expediente "confiscatório" que, ao que se diz, incluiria empréstimos compulsórios sobre a renda e a propriedade (!!!), além de outros macetes de estilo funareco do mesmo jaez.

O fato de a indústria paulista ter demitido mais de 40 mil empregados apenas nos meses de julho e de, em junho, o nível de atividade industrial no Estado mais rico do País ter caído 2,8% não vai contribuir para diminuir esse ardor tributário oficial, ou para que as atenções do governo se dirijam para a única forma racional de cortar o déficit público neste momento, que é atacar o problema pelo lado da despesa?

Têm absoluta razão os assessores do ministro da Fazenda ao comentarem que a fase de lua-de-mel do Plano Bresser terminou. Só que o que já tinha terminado antes era a paciência do contribuinte brasileiro, cansado de ver as discussões estereis dos tecnocratas sobre as formas de reduzir o déficit pela via do crescimento da carga tributária, a partir do argumento de que é impossível "politicamente" diminuir as despesas.

Ninguém mais está disposto a trabalhar para sustentar essa imensa cornucópia estatal.

Como mostramos no editorial ao lado, o que o fracasso da greve de quinta-feira demonstra, mais que qualquer outra coisa, é que também a massa trabalhadora descobriu que o grande inimigo a ser combatido, antes que sufoque a Nação, se chama Estado. Nessa luta empregados e patrões estão de agora em diante unidos.

Se o ministro Bresser Pereira e seus companheiros de governo e de partido ainda não perceberam isso, é bom que meditem sobre os inúmeros exemplos que a História proporciona de reações populares contra tributações injustas.

Todos os limites toleráveis foram ultrapassados por esse Estado-empresário que só sobrevive à custa da pobreza da imensa maioria da população brasileira.

A propósito, da Argentina nos vem uma excelente sugestão: já que os planos de privatização de empresas estatais não passam de uma eterna tapeção, por que não acabar com os monopólios estatais?